

POLÍTICA

COVAS

O novo líder não aceita o comando moderado. E decreta o fim da Aliança na Constituinte.



A pesar de a eleição do senador Mário Covas para a liderança do PMDB na Constituinte ter sido comemorada como uma grande mudança nos rumos políticos, o líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, procurou ontem minimizar o fato. "Isso não muda nada", proclamou. "O PMDB continua a ser uma frente, que abriga inclusive políticos de dupla militância, mas seu núcleo maior é moderado", acrescentou. E avisou ainda que a obrigação de Covas será a de porta-voz da bancada: "Por isso mesmo, só poderá circular suas idéias pessoais na qualidade de um simples constituinte".

Covas, contudo, discorda dessa opinião. Para ele, sua eleição representa uma demanda no sentido de uma atuação mais intensa do PMDB como um todo. Contrapondo ainda a posição de Sant'Anna, Covas saiu ontem da audiência que teve com o presidente Sarney defendendo a tese de que a Aliança Democrática não prevalecerá na Constituinte. Durante a votação da futura Carta, segundo ele, haverá assuntos que certamente colocará o PMDB e o PFL em lados opostos — "como a reforma agrária e o direito de greve". "A Aliança é um fato episódico e não pode prevalecer quando for discutido um assunto permanente como é a futura Constituição, onde cada um votará de acordo com suas convicções."

Durante a conversa com Sarney, Co-

que conviveram no Congresso. Depois da visita, Covas falou no "grande sentimento de participação" revelado pelos peemedebistas durante a votação que deu a ele a vitória — e revelou que pretende corresponder a tal expectativa.

Centro-esquerda

Pessoalmente, Covas avalia que sua vitória representa a vitória do grupo de centro-esquerda, destacando que o verdadeiro discurso do PMDB sempre foi esse. "Quem votou no PMDB em novembro não votou apenas por causa do Plano Cruzado, mas por sua pregação nitidamente de centro-esquerda", disse. E ele se identifica com tais posições, embora lamentando que, na atualidade, seja difícil escapar aos limites das definições políticas superficiais, como no caso da direita ou da esquerda.

que o verdadeiro discurso do PMDB sempre foi esse. "Quem votou no PMDB em novembro não votou apenas por causa do Plano Cruzado, mas por sua pregação nitidamente de centro-esquerda", disse. E ele se identifica com tais posições, embora lamentando que, na atualidade, seja difícil escapar aos limites das definições políticas superficiais, como no caso da direita ou da esquerda.

"Eu sou mais de centro-esquerda que de centro. Sou um homem que nos conflitos entre o capital e o trabalho se coloca

sempre a favor do trabalho" — define o senador. No particular, ele se afirma em perfeita identificação com o programa do PMDB, "que é absolutamente claro nesse aspecto, embora o partido nem sempre tenha tomado essas posições".

Quanto às discutidas semelhanças entre a situação atual vivida pelo PMDB e a fase de maior influência da Arena, no período da ditadura, Covas tem suficientes argumentos para discordar. "A comparação com a Arena é impropriedade, porque o antigo partido de sustentação do regime militar jamais esteve no poder, apenas pertenceu ao poder."

Ainda ontem, Covas indicou o deputado Euclides Scalco como vice-líder do PMDB na Constituinte — o primeiro dos 12 que ele pretende escolher. Neste fim de semana, ele vai aproveitar para examinar, pela primeira vez, as reivindicações do partido com relação às comissões constitucionais, além de estudar os nomes que compõem uma enorme lista de pretendentes à Comissão de Sistematização.

Com a conversa que manteve com o líder do PFL, deputado José Lourenço, Covas não teve muito sucesso. Ambos discutiram durante quase uma hora sobre a 1ª vice-presidência na Assembléia, disputada pelos dois partidos que compõem a Aliança — e não chegaram a um entendimento.

"Nenhum de nós abriu mão das reivindicações das respectivas bancadas", relatou Covas, mas admitiu que o encontro foi "cordial", embora "inútil". Antes da conversa, no entanto, José Lourenço recebeu a informação de que Covas não lhe traria boas notícias. Ao informante que trouxe a ele a novidade, Lourenço respondeu imediatamente: "Não creio. Se trouxer más notícias, levará piores".

Com essa nova crise gerada dentro da Aliança devido à disputa pela 1ª vice-presidência da Mesa da Constituinte, até as candidaturas a cargos de presidente e relator das comissões ficaram de lado. O PFL vem preferindo, de propósito, não tratar a questão das comissões: o partido já decidiu sua não participação no caso de não haver acordo com o PMDB para que o PFL fique com a 1ª vice-presidência.

Lobby

Enquanto PMDB e PFL não chegam a um acordo sobre isso, o líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna afirmava ontem que várias categorias profissionais estão organizando seus lobbies para serem atendidas suas reivindicações na Constituinte. "E o governo também deverá fazer o mesmo", disse, embora salientando que não serão utilizados "métodos fisiológicos" nesse trabalho. Mas não explicou que recursos o governo usará.

O presidente José Sarney defendeu ontem a necessidade de uma coesão nacional, que dará força ao Brasil, para que o país possa, realmente, vencer o difícil problema da dívida externa. Ele falou durante o coquetel que deu no Palácio da Alvorada, para todos os políticos do PMDB e ministros filiados ao partido. O encontro, que reuniu mais de 400 pessoas, entre parlamentares e 10 ministros, acompanhados das mulheres, era prova, de acordo com o presidente, do entendimento entre o governo e o maior partido do País.

"Acho muito significativo o clima de entendimento e de consideração, quando o presidente abre esse palácio, que é um símbolo de poder no Brasil, para receber congressistas do maior partido do País", disse o presidente Sarney, ao tomar a iniciativa de dirigir-se ao local reservado à imprensa para a cobertura do encontro. Mas, o importante, segundo destacou, "é o apoio de todo o Brasil, nesse instante em que o governo está tratando da dívida externa, que representa um problema sério, de grande repercussão de caráter internacional muito grande".

SARNEY

Ele pede coesão nacional para enfrentar a dívida

"O problema da dívida externa brasileira é também um problema político do mundo ocidental", segundo afirmou o presidente, ao comentar a declaração da vice-ministra dos negócios estrangeiros da Grã-

Bretanha, quando sugeriu ao Brasil procurar os organismos financeiros internacionais nessa negociação da dívida. "Eu tive a oportunidade de dizer à ministra, lembrou o presidente Sarney, que a dívida externa tem dois patamares: o primeiro, financeiro, que diz respeito àquele tratamento com os banqueiros; o segundo é o patamar político, que é muito mais amplo e diz respeito a todo o interesse do mundo ocidental. O Brasil é um país desse tamanho e a dívida brasileira não pode deixar de ser considerada como um problema político do mundo ocidental."

Descontraído, o presidente Sarney também destacou, na rápida entrevista, que no encontro de ontem pôde assistir a cenas comoventes, como a entrada da filha do presidente Juscelino Kubitschek, Marcia Kubitschek (deputada pelo PMDB do Distrito Federal) no Palácio do Alvorada, depois de mais de 20 anos. E aproveitou para repetir uma frase de humor dita à filha do ex-presidente cassado pela revolução de 1964: "Pelo menos você deve reconhecer que de nossa parte estamos conservando o Palácio".

Ministério: a reforma deve começar em abril.

Até o final do mês ou início de abril, o presidente Sarney deverá promover a reforma parcial de seu Ministério, que atingiria o Planejamento, Transportes,

Agricultura, Interior e Indústria e Comércio. Em estudos para extinção estão os Ministérios do Desenvolvimento Urbano e da Reforma Agrária. As presidências da Caixa

Federal, Itaipu e Petrobrás também seriam atingidas pela mudança, segundo fontes do Planalto. Na bancada mineira não há mais dúvidas de que o ex-deputado

Aníbal Teixeira será o substituto de João Sayad no Planejamento. Se isso ocorrer, o governador Newton Cardoso teria o direito de indicar seu substituto na Secretaria Especial de Ação

Comunitária, além do futuro ministro dos Transportes. O Ministério da Indústria e Comércio ficaria para São Paulo e o do Interior para Pernambuco. O Paraná ficaria

com a Agricultura e Itaipu. Ainda cumprindo acordo feito com o governador Newton Cardoso, em abril Sarney iniciará por Minas Gerais uma espécie de "governo itinerante".

Recado de Ulysses: não vai se afastar.

O presidente da Constituinte, da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães, afirmou ontem que não pretende licenciar-se da presidência do partido lembrando que foi eleito para o cargo "sem competidores". "Sou presidente que tem as responsabilidades decorrentes dessa eleição", acrescentou, reiterando que já deu demonstrações de desinteresse, "colocando a Nação e o meu partido acima de meus interesses", mas que não vincula essa posição a uma decisão sobre o assunto. Em São Paulo, o governador Orestes Quércia, que antontem defendeu o afastamento de Ulysses do cargo, comentou ontem que o ex-governador do Paraná, o senador José Richa, "é um bom candidato" caso decida dispu-

tar a 1ª vice-presidência nacional do PMDB, e, até mesmo, substituir Ulysses.

Quércia esclareceu, porém, que "não existe nada nesse sentido. Se houver eleição e se houver candidatura, precisarei consultar meus companheiros", disse.

Aproveitando a oportunidade, o governador paulista voltou a insistir no afastamento de Ulysses da presidência do PMDB (licença e não renúncia do cargo) de forma a permitir que o partido seja dirigido por alguém com maior disponibilidade de tempo: "É preciso alguém que assuma o partido de maneira definitiva, dando mais conjunto à direção dos caminhos partidários", explicou. Ulysses Guimarães, por sua

vez, salientou que pretende cumprir o seu mandato até o final, em abril do ano que vem, e que acha compatível exercer as duas funções: "Tanto que exerci até o presente momento", enfatizou. Anteontem, em entrevista aos mesmos jornalistas, Ulysses admitiu deixar a presidência do PMDB se isto fosse útil ao País e ao partido.

Já o encontro no Palácio da Alvorada, ontem à noite, do presidente Sarney com a bancada do PMDB, o parlamentar paulista classificou como "amistoso". Mostra o relacionamento fraterno existente entre o presidente Sarney e o PMDB. Negou ainda que a eleição do senador Mário Covas para a liderança do partido na Constituinte venha a alterar esse relacionamento.

